

"O Éden Feérico dos Desejos": Cultura Francesa no Brasil Pré-Modernista

Maurício Silva

Universidade Nove de Julho, São Paulo, Brasil

Resumo: Neste trabalho, procuramos analisar a relação da cultura brasileira – de um modo geral – e da literatura nacional – de um modo particular – com a cultura francesa. O presente artigo analisa, ainda, as relações dos autores brasileiros com a Academia Brasileira de Letras, destacando os processos de institucionalização do academicismo no Brasil do final do século XIX.

Palavras-chave: Literatura Brasileira; Literatura Brasileira; Cultura Francesa; Historiografia Literária

Abstract: This paper analyses the cultural context of brazilian pre-modernism. Adopting the comparative perspective, it reveals some aesthetic and literary aspects of the relations between brazilian and french literatures. Furthermore, the present article analyzes the relationship between the pre-modernist writers and the Brazilian Academy of Letters, detaching the institutionalizations issues on the turn-of-the-century.

Key words: Pre-modernism; Brazilian Literature; French culture; literary historiography

Em 1910, o grande articulador político francês e primeiro ministro do governo Poincaré, Georges Clemenceau, faz uma viagem à América do Sul, passando por Argentina, Uruguai e Brasil, onde visita os mais diferentes lugares, de zoológicos a monumentos, de prisões a escolas, de hospitais a fazendas. Suas impressões de viagem, publicadas primeiramente no periódico *Illustration*, foram posteriormente lançadas em livro, sob o título

lo *Notes de Voyage dans l'Amérique du Sud* (1911), em que se reconstrói um apaixonado registro de sua passagem pelo Cone Sul americano. Na parte da obra destinada ao Brasil, o autor trata de assuntos diversos, como a cidade de Santos, a natureza do Rio de Janeiro, a indústria brasileira, nossa abundância natural, o sistema político nacional e, sobretudo, a influência da cultura francesa sobre a nação brasileira: *deux traits de l'âme brésilienne resteront, à mon avis, prédominants: l'idéalisme démocratique, et, par cela même, le goût inné de la culture française* (CLEMENCEAU, 1991, p. 204, grifos meus).

Em contato com os públicos carioca e paulista, destaca ainda a mesma idéia, por meio destas reveladoras palavras: *je pus me livrer en toute confiance au plaisir de parler comme un Français à des Français, sans que rien me vînt avertir des particularités d'une âme étrangère à laquelle je fusse tenu de m'accommoder* (CLEMENCEAU, 1991, p. 222, grifos meus). Para, finalmente, chegar, ainda a esse respeito, à seguinte conclusão, sobre a relação entre os dois povos: *Français ensoleillés du Brésil, ou Brésiliens avides des pures sources latines? Qu'importent les mots, si les coeurs fraternels battent d'un même sang!* (CLEMENCEAU, 1991, p. 232, grifos meus).

Clemenceau é apenas um entre os inúmeros viajantes franceses que por aqui aportaram no começo do século XX (CAMPOS, 1998), mas suas palavras resumem com propriedade um sentimento muito comum à grande parte deles, que viam no *panlatinismo*, ideologia expansionista nascida sob os auspícios do regime de Napoleão III, uma saída para a crise da perda de influência francesa na América Latina. (PHELAN, 1993; MARTINIÈRE, 1982). São palavras que, num sentido lato, refletem a retomada, de modo cabal, da ascendência da cultura francesa sobre a realidade nacional.

Atualmente, com a intensificação do que se convencionou chamar de globalização, torna-se praticamente impossível pensar a História sem levar em consideração as múltiplas possibilidades de interação global, destacando vínculos e alianças de natureza política, econômica e cultural entre as nações.

No caso específico do Brasil, a abordagem dessas relações revela-se particularmente profícua, já que desde o princípio sua história aparece interligada às mais diversas nações do Ocidente, estabelecendo uma verdadeira rede de interação econômico-política. Isto é tanto mais verdade quando analisamos seu desenvolvimento cultural, marcado por uma série de interações e caracterizado por uma particular adaptação da cultura adventícia à realidade nacional. As manifestações literárias ocorridas no Brasil, por exemplo, parecem ser uma prova cabal desse fato: desde seus primeiros exemplos encontram-se vinculadas à cultura lusitana, passando – após a independência do país – a mudar seu foco de interesse para a

cultura francesa, e mesmo em épocas de maior anseio pela autenticidade e independência estética – como é o caso notório do Modernismo – mantêm-se, até certo ponto, atreladas às manifestações artísticas estrangeiras, estabelecendo um diálogo contínuo e perene com as mais diversas expressões literárias. Sem que isso seja necessariamente um fato desabonador de seu valor, enquanto literatura autóctone revela antes uma peculiaridade significativa da estética literária nacional: o fato de esta vincular-se quase que de forma natural à literatura europeia, o que, por outro lado, poderia pressupor uma substancial relação de dependência. (CÂNDIDO, 1989).

Uma das ligações mais intensas que se pode entrever no estudo de nossa literatura diz respeito ao seu comércio com a francesa, numa relação quase sempre desigual, já que – via de regra – revela um sentido unidirecional: os vínculos nasceriam a partir da incidência da cultura francesa sobre a brasileira, a despeito da necessária permuta que parece estar subjacente a todo tipo de intercuro cultural, pressuposto básico de algumas das mais recentes teorias voltadas ao estudo das interações literárias. (JENNY, 1979; IDT, 1984; DÄLLENBACH, 1979; PERRONE-MOISÉS, 1990; GUILLÉN, 1985; CARVALHAL, 1986; NITRINI, 1997).

Desse modo, não há como deixar de aludir, na abordagem da tradição cultural brasileira, à incidência da cultura francesa sobre a literatura, em diversas épocas de seu desenvolvimento. E este fato é particularmente verdadeiro se analisarmos com mais afinco os últimos anos do século XIX e os primeiros do século XX, quando no Brasil a galofilia parece ter atingido o paroxismo, não sem dar origem ao seu reverso, com alguns débeis laivos de francofobia. Época fértil em contatos com a França, nosso pré-modernismo conheceu uma dependência estética sem precedentes da literatura brasileira, podendo-se destacar, como constantes relacionadas à ideologia francófila no país, a idealização de Paris como cidade-modelo para o Brasil, a adoção do francês como referência lingüística e a absorção da literatura francesa como exemplo literário.

PARIS: CAPITAL DO BRASIL

A França transforma-se, na passagem do século XIX para o XX, na principal referência cultural para o Brasil, um fenômeno que já se vinha desenvolvendo desde, pelo menos, o período da Independência; e sua capital torna-se um modelo, um autêntico ideal de vida para os brasileiros. De todos os modos, em todos os sentidos e a qualquer custo, o Rio de Janeiro procurava igualar-se a Paris, mesmo que esta aproximação fosse representada por um silogismo longe de encontrar sustentação na realidade: se no

*“O Éden
Feérico dos
Desejos”:
Cultura
Francesa no
Brasil Pré-
Modernista*

final do século XIX, podia-se dizer sem exageros que “o Rio de Janeiro é o Brasil” (AZEVEDO, 1977, p. 26) e, no começo do século XX, que “Paris é o Rio de Janeiro”, (FONTES, s.d., p. 16) então a conclusão necessária dessas duas premissas só podia ser a de que o Brasil era a própria França. A idéia de se comparar o Rio de Janeiro a Paris, aliás, persiste ao longo de pelo menos duas décadas: apenas a título de exemplo, poder-se-ia lembrar que, num desconhecido romance de Emílio Gonçalves, de 1920, uma personagem chega a considerar a Capital Federal a “Paris americana” (GONÇALVES, 1920, p. 119); bem antes, em 1909, João do Rio já aludia às transformações urbanas realizadas no Rio de Janeiro por Pereira Passos como um “esforço despedaçante de ser Paris” (RIO, 1909, p. 214) e, finalmente, numa crônica da revista *A Ilustração Brasileira*, sob o pseudônimo de R., em sua coluna intitulada “Notas de um Fluminense”, um autor lista uma série de semelhanças entre o Rio de Janeiro e Paris, afirmando peremptoriamente: “a seguir nesse andar rápido, vertiginoso, pode-se garantir que dentro de dez anos, no maximo, nossa muito leal cidade nada terá que invejar Paris” (R. 1910, p. 59).

Esta parece ser a tônica que, pelas páginas efêmeras dos periódicos nacionais, se queria passar a todo instante. E, nesse sentido, não se economizavam evocações dessa Paris ao mesmo tempo estimada e temida, límpida e misteriosa:

Paris... Paris...: as duas syllabas magicas cantavam-me nos ouvidos uma canção de amor, e os seus *boulevards* e os seus jardins, os seus theatros e os seus *cabarets*, a Opera e o Louvre, Montmartre e o Bairro Latino, o *Bois* e o *Café de la Paix*, toda a vida misteriosa, complexa e vertiginosa da grande cidade (...) passava ante meus olhos com a rapidez das fitas cinematographicas (...) Oh Pariz! Pariz!... Como transformas as almas, mesmo as mais austeras e sisudas... (CARVALHO, 1909, p. 58/67).

Essa não é a única vez que o esteta e dândi tropical Elysio de Carvalho evoca Paris nas páginas encomiásticas e carregadas de vocábulos franceses de seu pequeno livro de crônicas efêmeras. Sempre procurando revelar a capital francesa sob uma ótica carregada de ambiguidades, lembra mais de uma vez “toda a vida misteriosa, complexa e vertiginosa” (CARVALHO, 1909, p. 58) dessa verdadeira “cidade dos amores e do veneno, a cidade rainha e cortesã” que, para ele, era Paris (CARVALHO, 1909, p. 99).

Essa “paixão de Paris”, como a denominou com propriedade Brito Broca, (BROCA, 1993, p. 137) fez com que muitos autores viajassem – em alguns casos, até com certa frequência – à capital francesa (Joaquim Nabuco, Domício da Gama, Afonso Arinos, Papi Júnior, Tomás Lopes, Théo

Filho, Olavo Bilac, João do Rio, Luís Edmundo, Gilberto Amado e outros). É também de Brito Broca a lembrança de que Artur Azevedo, em crônica para o *Correio do Povo*, comentando a mais recente viagem de Olavo Bilac a Paris, afirma estar o grande poeta parnasiano na iminência de adquirir uma curiosa doença que, se não tratada a contento, fatalmente o levaria à morte – a “nostalgia de Paris” (BROCA, 1960, p. 93).

Paixão e nostalgia são noções que podem ser tomadas como sintomática referência ao apego dos escritores brasileiros da passagem do século – e, em particular, dos acadêmicos – pela vida parisiense, o que pode ser percebido em diversos índices da vida cultural brasileira: além dos já referidos intelectuais e escritores que viajavam periodicamente para a França, tínhamos ainda poetas que escreviam em francês (Alphonsus de Guimaraens) ou que, ademais, adotavam pseudônimos franceses (Jacques d’Avray, pseudônimo de Freitas Vale); autores que escreviam obras voltadas quase que exclusivamente para a realidade gaulesa (Théo Filho com *365 Dias de Boulevard*, Thomaz Lopes com *Corpo e Alma de Paris*, Nestor Vítor com *Paris*); revistas que adotavam como modelo símiles francesas (*Revista Americana*, tendo como modelo a *Revue des Deux Mondes* ou *Eu Sei Tudo*, baseada na *Je Sais Tout*); jornais publicados em francês, como *L’Étoile du Sud* (1882–1913).

Tudo isso era mais ou menos exposto em forma de crônica nas páginas efêmeras de jornais e revistas, em livros de memórias ou de viagens ou em obras de ficção, entre poesia e prosa, o que revela a verdadeira dimensão do interesse nacional pela realidade adventícia. Para se ter uma idéia desse fato, basta lembrar que eram inúmeras as temáticas francesas tratadas em crônicas ao longo das primeiras décadas do século XX, época, aliás, que conheceu uma verdadeira explosão desse gênero no Brasil: (CÂNDIDO, 1992; DIMAS, 1974; MARTINS, 1972; IVO, 1982; RESENDE, 1995; CRESPO, 1990) da pedagogia francesa (Humberto de Campos, em *Mealheiro de Agripa*) e da influência da dança na sociedade parisiense (Martins Fontes, em *Fantástica*) até a guerra franco-prussiana (Filinto de Almeida, em *Colunas da Noite*) e a Revolução Francesa (Antonio Torres, em *Verdades Indiscretas*), passando ainda pelo mobiliário francês (Gonzaga Duque, em *Graves e Frívolos*) e pela apologia da civilização gaulesa (Hermes Fontes, em *Juízos Ephemeros*), não são poucos os assuntos relacionados à França, tratados em crônicas jornalísticas.

Mais de um romancista, igualmente, criou personagens verdadeiramente obcecados por Paris, como Neiva, codinome do conhecido boêmio Paula Nei, de *Fogo Fátuo* (1929), que afirmava ler os jornais franceses para ter “a illusão de viver em Paris” (NETO, 1929, p. 27); como Sampaio, de *Amor Moderno* (1915), o qual realizara o que considerava ser “a sua mais

“O Éden
Feérico dos
Desejos”:
Cultura
Francesa no
Brasil Pré-
Modernista

nobre e ardente aspiração, que era ver Paris” (AGUDO, 1915, p. 70); como Paulino, trágico protagonista de *Flor de Sangue* (1897), para quem Paris “é a cidade ideal para todos” (MAGALHÃES, 1974, p. 50); como Agrário, personagem de *Mocidade Morta* (1899), que sonhava viajar para “essa Terra Prometida dos gozos, opulenta e risonha quermesse de encantos” (DUQUE, 1973, p. 49); ou como o pícaro Marcos Parreira, de *Dois Metros e Cinco* (1905), para quem, num arroubo de embevecimento, Paris seria “uma exposição permanente” (OLIVEIRA, 1936, p. 414).

Não sem razão, dotado de uma perspicácia própria de quem estava sempre atento a tudo o que se passava a sua volta, João do Rio ironizaria o fato de os escritores brasileiros “viverem” em Paris sem terem saído de sua própria terra (RIO, 1932, p. 183), opinião compartilhada – com igual ironia – por José Veríssimo, em contundentes palavras:

não se copia só a moda de Paris, no vestir, no comer, no viver doméstico ou público, macaqueam-se-lhe os hábitos mentais, a devoção religiosa, como um sinal de distinção, os pecados mundanos como um testemunho de elegância (...) Por isso os romancistas que querem descrever esta sociedade, descambam insensivelmente no romance francês, de cuja vida ela é uma caricatura (VERÍSSIMO, 1977, p. 57).

A sociedade brasileira como *caricatura* do romance francês: poucas imagens da nossa sociedade revelaram-se tão impactantes como essa do crítico paraense. Esse curioso *parisianismo* (termo utilizado por Afrânio Peixoto, em seu primeiro romance, *A Esfinge*, de 1908, e por Medeiros e Albuquerque no editorial do primeiro número da *Ilustração Brasileira*, em 1909) era capaz, por exemplo, de fazer com que os brasileiros, em muitos casos, conhecessem ou supusessem conhecer mais Paris do que o próprio país, como sugere João do Rio, numa de suas crônicas sugestivamente intitulada “Quando o brasileiro descobrirá o Brasil?”:

O nosso patriotismo limita-se ao estridente espalhafato (...) No fundo (...) temos a idéia de que somos fenomenalmente inferiores, porque não somos tal qual os outros, e ignoramo-nos por completo (...) Todos (os brasileiros) conhecem Paris como se la tivessem estado, e ignoram por completo o caminho mais simples para ir a um arrabalde (RIO, 1909, p. 277/280).

Esse desconhecimento flagrante da própria nação, condenado pelo grande jornalista carioca e por outras celebridades das letras, como Lima Barreto, tinha como contrapartida um esnobismo assentado no suposto conhecimento de Paris, corroborando a afirmação presente no trecho aci-

ma citado. Com efeito, não causa espécie, diante dos fatos aqui registrados, que Coelho Neto, num de seus romances “simbolistas”, coloque na boca de ninguém menos do que São Pedro esta sugestiva advertência: “você brasileiros falam mais de Paris do que os próprios franceses” (NETO, 1926, p. 179); ou ainda que Benjamim Costallat despenda um imenso capítulo de seu curto romance com uma minuciosa descrição de Paris, caracterizada como “a cidade maravilhosa das mil e uma orgias, a cidade-beijos, a cidade-gozo, a cidade-delírio” (COSTALLAT, 1923, p. 96).

Todo esse entusiasmo, toda essa indulgente afeição pela capital francesa tinha origem, como sugerimos, num vertiginoso sentimento de cosmopolitismo, já que estar em Paris significava estar em sintonia com o restante do mundo civilizado. Afinal de contas, como declararia Souza Bandeira numa de suas crônicas do início do século, Paris poderia ser considerada “a maior cidade do mundo” (BANDEIRA, 1910, p. 9), opinião com que parecia concordar o polêmico Eduardo Prado, para quem, ainda mais enfático, “decididamente o mundo é Paris” (BARRETO, 1916, p. 187).

Bem entendido, não é a qualquer mundo que se referem os cronistas acima citados, mas, como aludimos, ao *mundo civilizado*. Isto porque, como nenhuma outra referência, Paris representava para o intelectual desse período a principal porta de entrada para a tão ansiada civilização. Ícone maior dessa civilização, a capital francesa atraía esse intelectual – principalmente aquele já completamente integrado na sociedade burguesa urbanizada, a qual não prescindia de uma literatura nos mesmos moldes, isto é, “civilizada” – pelas reais ou imaginárias possibilidades de ascensão em um mundo extremamente seletivo e excludente. Por isso, falar de Paris, ansiar por estar em Paris ou simplesmente ter a capital francesa como referência constante representava, para alguns intelectuais brasileiros, o primeiro passo para que pudessem compartilhar – ou, ao menos, ter a ilusão de que compartilhavam – de um mundo mais civilizado.

Mais do que nunca, nessa passagem de século, ressurgiu com força inesperada a dicotomia civilização *versus* barbárie, equação que poderia, aos olhos da intelectualidade letrada, ser facilmente resolvida por meio de uma adesão incondicional à cultura francesa, de um modo geral, e à capital da França, em particular. Por isso, vincular Paris à idéia de civilização/civilidade era um tópico mais ou menos comum no discurso literário da passagem do século, como podem comprovar, a título de exemplo, algumas passagens de romances de representativos autores academicistas. Em seu romance-testemunho, *Fogo Fátuo*, Coelho Neto sugere que Bivar (codinome de Olavo Bilac), após ter passado uma temporada na prisão, ansiava desesperadamente por um “sanatório de civilização: Paris” (NETO, 1929, p.

“O Éden
Feérico dos
Desejos”:
Cultura
Francesa no
Brasil Pré-
Modernista

89

365); já em *Pássaro Tonto* (1934), Júlia Lopes de Almeida faz Lalita condenar a mania dos brasileiros de quererem ir a Paris, pois “não se consideraram civilizados enquanto não passeiam pelos boulevards” (ALMEIDA, 1934, p. 49).

Não eram apenas os romancistas que proferiam semelhante opinião: cronistas e intelectuais diversos também lograram estabelecer um vínculo preciso entre a capital francesa e a ideia de civilização. Para João do Rio, por exemplo, Nestor Vitor, depois de ter passado por Paris, ter-se-ia transformado num novo homem: “é um cidadão que passou por Paris, que viveu em Paris, que civilizou todas as arestas do temperamento na polidez de Paris” (RIO, 1994, p. 105). Já para um jornalista anônimo de *A Ilustração Brasileira*, determinados lugares do Rio de Janeiro, depois que passaram pelas transformações urbanas regidas por Pereira Passos, apresentaram uma “perspectiva de ultra-civilização que só pode ser comparada a Paris” (ANÔNIMO, 1909, p. 70). Finalmente, a mesma ideia pode ser presenciada como argumento de destaque na célebre polêmica travada entre Júlio Ribeiro e o Padre Senna Freitas, que, ao tratar da publicação de *A Carne*, do romancista mineiro, afirma categoricamente: “o público desta província (São Paulo) e do Brasil ainda não está assaz *civilizado*, e, se me permite o neologismo, assaz *parisificado* para que não seja por ora uma calúnia e um grave desrespeito dar-lhe a comer a *Carne*...” (FREITAS, 1972, p. 190).

Os exemplos acima arrolados parecem ser suficientes para demonstrar que parte da intelectualidade brasileira, mormente aquela ligada à Academia, reconhecia um vínculo necessário entre a capital francesa e a ideia de civilização. Trata-se, em outros termos, de uma espécie de *cruzada civilizatória* (FRANÇA, 1994) que, tendo desde o início do século XIX incidido sobre a cidade (com a urbanização, a higiene, os padrões de comportamento etc), teve repercussão direta na literatura, a qual fora levada a participar de todo esse processo compulsório de *civilização* do povo brasileiro.

É toda uma gama de sensações e sentimentos arrebatadores, próprios de uma intelectualidade inebriada pela realidade parisiense, uma realidade que se lhes parecia cada vez mais fantástica, cada vez mais febricitante, como revelam estas palavras modelares de um desconhecido cronista da revista *A Cigarra*: “nenhuma cidade nos podia dar tantas sensações de artistas e de amantes; a rua em Paris torna-se o Éden feérico dos desejos, das admirações, das aventuras...” (UZANNE, 1916, s.p.).

Cidade que transforma as almas austeras e sisudas, local privilegiado de uma vida maravilhosamente vertiginosa, paraíso fantástico dos desejos... Com razão, a capital francesa tornara-se, no Brasil dessa época, não apenas um ponto de referência obrigatório à cultura nacional, mas so-

bretudo um espaço para o qual se voltava um imaginário ligado à ideia de civilização. Por isso mesmo, ela parecia revelar-se – sempre e a um só tempo – sob faces distintas, mas complementares: como anseio e saudade, desejo e recordação, utopia e nostalgia.

ECOS DA LÍNGUA FRANCESA NO BRASIL

A par dessa francofilia representada pela obsessão por Paris, havia também aquela simbolizada por um apego incondicional à língua francesa, outro índice de adesão à cultura gaulesa por parte da intelectualidade nativa. Curiosamente, apesar da ideologia da manutenção/preservação da língua portuguesa, que vigorava no período, os academicistas nunca perderam o elo de ligação com a língua francesa, tornando-a verdadeira referência idiomática nesse meio. E isso não quer dizer que houvesse uma contradição intrínseca ao discurso acadêmico, pois a valorização do vernáculo acabava – aos olhos de parte da intelectualidade brasileira – passando pelo reconhecimento do latim como matriz dos idiomas português e francês, que, afinal de contas, ligavam-se por uma única e mesma tradição. Por isso mesmo, a manutenção do purismo idiomático – um dos pilares da ideologia academicista – não prescindia do reconhecimento da importância da língua francesa, código lingüístico de irrefutável valor cultural, em que muitos autores nacionais se espelharam desde, pelo menos, meados do século XIX.

Assim, a língua francesa serviria, em maior ou menor grau, como modelo de expressão a ser seguido por alguns artistas e intelectuais brasileiros, muitos dos quais não se intimidaram em empregá-la em suas obras: além dos já citados Alphonsus de Guimarães e Freitas Vale, há ainda outros exemplos, como os de Joaquim Nabuco, cujo livro *Pensées Détachées et Souvenirs* (1906) teria sido acatado pela crítica francesa como obra distinta de desconhecido autor francês; ou como Visconde de Taunay, que escreveu seu célebre livro *A Retirada de Laguna* (1871) originalmente na língua francesa. É verdade que a adoção indiscriminada da língua francesa na vida social brasileira ou o uso freqüente de galicismos por romancistas e poetas nativos acabou gerando uma série de críticas a essa febre imitativa. É o que sugere, sobre o primeiro aspecto, uma crônica que Coelho Neto escreveu para o jornal *A Noite* em 1920, em que o romancista maranhense hostiliza o uso da língua francesa nas tabuletas comerciais da cidade ou nos elegantes salões literários, numa incisiva defesa da língua nacional:

sentimo-nos agora no que é nosso e estamos livres dos solecismos barbaros

“O Éden
Feérico dos
Desejos”:
Cultura
Francesa no
Brasil Pré-
Modernista

com que, tão de contínuo, nos arrepellavam os ouvidos (...) Pudesse o Prefeito tornar extensiva a sua autoridade á mania ridicula, que impéra nos salões elegantes, das recitações afrancelhadas e sentiríamos mais no intimo d'alma a nossa patria que tem na língua formosa em que se exprime uma das suas maiores riquezas (NETO, 1922, p. 190/191).

ou, sobre o segundo aspecto, uma crônica de Souza Bandeira, em que o autor, ao tratar do estilo elevado de Euclides da Cunha, afirma peremptoriamente:

não se lhe encontram as preciosidades alambicadas dos que, acostumados á unica leitura dos livros franceses, enchem os seus escritos de grosseiros galicismos, imitação servil dos autores que lhes forneceram o substrato da elaboração mental (BANDEIRA, 1917, p. 28).

Maurício
Silva

92

Trata-se, sem dúvida, de críticas contundentes, mas de pouco impacto sobre a literatura nacional, já que foram feitas circunstancialmente e por autores que se esmeraram em defender e empregar o francês em seus próprios livros. Ademais, servem como reconhecimento tácito do emprego abundante de galicismos em nossa língua, além do que são atitudes que podem ser tomadas como evidentes exceções, já que, via de regra, o comportamento dos literatos da época ia da simples anuência à completa apologia daquele idioma, posições, aliás, que encontravam suporte científico nos mais respeitados gramáticos da época, como Mário Barreto, em seu ardoroso libelo contra os rigores gramaticais de Cândido Figueiredo (BARRETO, 1903), ou Said Ali, em sua condenação ao excessivo purismo da língua, avesso aos estrangeirismos (ALI, 1930).

A acreditar nas palavras concienzosas do cronista baiano Arthur Neiva, escritas para *O Estado de São Paulo* e para a *Revista do Brasil*, o francês era mesmo uma língua de franco emprego no Brasil do entresséculos:

nas altas esferas do Brasil ainda lavra a convicção de que a francez é a língua universal (...) a língua mais vulgarizada entre nós é a franceza. Quasi toda a cultura artistica e scientifica nos chega através dos livros e revistas de França (...) O Brasil continua servindo de resonador para tudo quanto a França faz, nós somos o seu éco e tal funcção nos envaidece (NEIVA, 1927, p. 24/25/26).

Curiosamente, a principal defesa da língua francesa que se pode encontrar na época provém de Coelho Neto, o mais representativo dos escritores academicistas e exatamente aquele que, como mostramos em citação

anterior, deblaterava contra o uso de vocábulos franceses nas tabuletas comerciais da Capital Federal. Esse fato, aparentemente irrelevante, demonstra as próprias contradições internas que caracterizam a Academia, já que no mesmo livro em que Coelho Neto faz a condenação do uso do francês pelo “povo”, defende-o como “uma língua literária, língua marmorea, própria para requintes de arte” (NETO, 1922, p. 94). E, anos mais tarde, em seu discurso-crônica realizado na Academia Brasileira de Letras para recepcionar Paul Hazard (1926), faz a um só tempo uma defesa contundente do purismo idiomático e um elogio encomiástico ao francês:

Conhecemos o vosso idioma, senhor Professor, e delle assiduamente nos servimos. Com elle percorremos os longos cyclos do Tempo, familiarisando-nos com todos os illuminadores da Humanidade – os pharóes de genio plantados no estirão das eras: na Poesia, na Arte, na Sciencia (...) Foi elle o nosso ‘ciceroni’ nas viagens espirituales que fizemos (NETO, 1928, p. 157/159).

“O Éden
Feérico dos
Desejos”:
Cultura
Francesa no
Brasil Pré-
Modernista

93

Também Souza Bandeira, citado anteriormente como contrário ao uso do francês na literatura brasileira, não hesitou em apontar, noutra obra, de forma laudatória, os benefícios da língua francesa ao espírito nacional: “seja qual for a feição atual do nosso espírito, foi em francez que todos nós começamos a pensar e a sonhar” (BANDEIRA, 1910, p. 14). De fato, a língua francesa parece ter sido um dos temas privilegiados por nossos intelectuais, que não vacilavam na hora de promover um panegírico em seu favor.

Aliás, para completarmos o quadro aqui esboçado, cumpre lembrar que os romancistas em suas obras de ficção também não ficaram alheios ao movimento em prol da língua francesa no território nacional. Mais de uma vez, colocaram na boca de seus personagens palavras elogiosas à língua francesa, revelando a dimensão desse sentimento de adoção irrestrita do idioma alienígena. João do Rio, por exemplo, nos seus dois romances carregados de vocábulos franceses, descreve a burguesia carioca como uma classe social linguisticamente “dependente” do francês, idioma que empregava exageradamente numa atitude, para usar de um galicismo, chique e presumida (RIO, 1992a; RIO, 1992b). Coelho Neto, em *Fogo Fátuo*, respondendo às reclamações de Ruy Vaz (codinome de Aluísio Azevedo) sobre as dificuldades de se produzir literatura no Brasil, aconselha: “não percas tempo, meu velho, ou então, muda-te de lingua; escreve em francês” (NETO, 1929, p. 151). Afrânio Peixoto, em *A Esfinge*, representa parte da burguesia carioca falando em francês como indicativo de civilidade (PEIXOTO, 1978). Antônio de Oliveira, em seu esquecido *O Urso* (1901), descreve um personagem, cônego Frágoso, sonhando em substituir o latim

das missas pela “doçura” do francês (OLIVEIRA, 1976), e finalmente, Júlia Lopes de Almeida, em *Correio da Roça* (1913), mostra-nos Cordélia preocupada com o recente encargo de ensinar português numa escola rural, já que toda sua educação teria sido na língua gaulesa (ALMEIDA, 1933).

LES BELLES LETTRES

Mais do que qualquer outro fator, é por meio da análise dos discursos produzidos em torno da literatura brasileira no período que podemos perceber a dimensão desse vínculo entre as culturas nacional e francesa, o que mais uma vez revela uma real dependência daquela em relação a esta. Analisando, portanto, mais acuradamente a relação entre os literatos brasileiros, sobretudo os acadêmicos, e a literatura francesa, podemos construir um quadro mais fiel da situação da produção literária de então, colocando francesismo e academicismo numa mesma esfera cultural – a literária.

A frase com que Mário de Alencar, em discurso proferido em 1905, durante a sucessão de José do Patrocínio na Academia, brinda os colegas acadêmicos é, nesse sentido, emblemática, representando a situação vivida pela cultura literária nacional no período: “é da França que nos chega para o Brasil e Portugal quasi todo o alimento do saber e das belas letras” (CAMPOS, 1960, p. 88).

Impressão semelhante teriam diversos autores e intelectuais brasileiros, exprimindo, todos eles, opiniões análogas à de Mário de Alencar, como um Souza Bandeira, que critica o “excessivo uso da literatura francesa” entre nós (BANDEIRA, 1917, p. 31), um José Agudo, para quem “a literatura francesa é um axioma, ou antes um dogma” para os brasileiros (AGUDO, 1913, p. 93), um Olavo Bilac, que acreditava que “nós nos regulamos pela França” (RIO, 1994, p. 15) ou um Guimarães Passos que, tratando especificamente da literatura nacional, lamenta que “a impressão da França esmaga tudo” (RIO, 1994, p. 138).

E muitos outros...

Assim, pode-se afirmar, sem incorrer em exagero, que as maiores incidências da cultura francesa sobre a brasileira ocorreram no âmbito da estrita expressão literária: não é pouca, nesse sentido, nossa dívida para com uma gama bastante extensa de autores franceses que, em maior ou menor grau, teriam atuado direta ou indiretamente sobre os escritores, como atestam vários estudos a respeito do assunto (FARIA, 1973; AMARAL, 1996; CARNEIRO LEÃO, 1960; SILVA, 1996).

Não poucas vezes, tal ligação foi denunciada como carência de auten-

tidade do pensamento cultural brasileiro, depauperamento da atividade literária ou mero esnobismo por parte dos literatos que gostariam, aos olhos do público nativo e principalmente europeu, de parecer demasiadamente civilizados. Daí a indignação de João Luso, ao responder ao já citado inquérito promovido por João do Rio para as páginas da *Gazeta de Notícias* nos primeiros anos do novo século, a respeito da atual situação da literatura brasileira: “é de franco e deplorável estacionamento a nossa atualidade literária. Estamos à espera que a Ideia Nova nos chegue pelos próximos transatlânticos franceses” (RIO, 1994, p. 204).

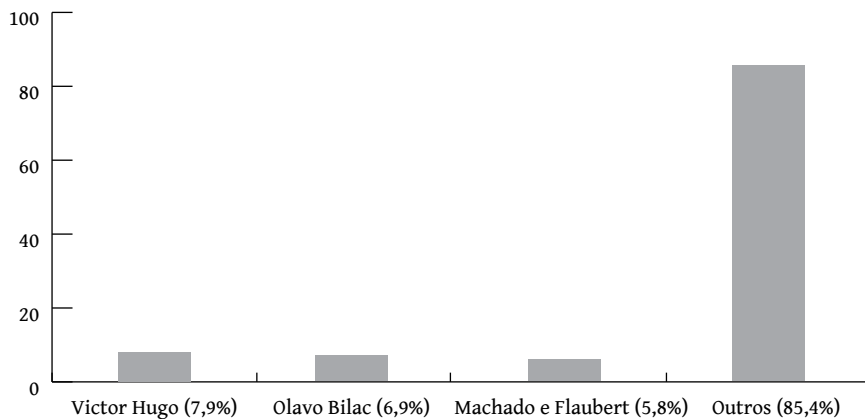
Essa dependência das ideias alienígenas parece ser a tônica dos discursos a respeito da produção literária de então e, curiosamente, mesmo entre os acadêmicos. Mas o fato de abundarem discursos contrários a essa dependência não quer dizer que, na prática, os escritores fossem avessos à incorporação, quando não à cópia pura e simples, da estética francesa; pelo contrário, nunca como nessa época houve um tão intenso contato entre as duas literaturas, e embora a literatura brasileira não tenha sido, já nesse período, de todo desconhecida para o público francês, chegando inclusive, em alguns casos, a ser admirada por este, não se pode negar que o caminho contrário – isto é, da França para o Brasil – fosse o mais comum e freqüente.

Trata-se de um autêntico exemplo de importação de cultura, aqui copiosamente consumida e imitada. Evidentemente, tamanho fervor pela cultura estrangeira acabava, vez por outra, ferindo o brio nacionalista, particularmente quando se tratava de assuntos ligados à literatura, da qual autores e intelectuais do período tinham tanto orgulho e em relação à qual se mostravam tão ciosos: “Ah! se nossos homens de letras, em vez de imitarem a literatura francesa, se quizessem dar ao estudo das cousas nacionais!”, lamenta-se uma personagem de *A Silveirinha* (1914), já no encerramento do romance (ALMEIDA, 1914, p. 307); e o sempre sóbrio Gilberto Amado chega a mostrar desmedida indignação diante do afã por se conhecer, em termos de literatura, absolutamente tudo o que tivesse procedência francesa, a par da conseqüente “indiferença nacional (...) em assumptos literarios”, quando se tratava do Brasil (AMADO, 1914, p. 265).

Como dissemos há pouco, não apenas imitada, mas também fartamente consumida, tanto pelo público mais culto quanto pelo popular. Indício desse consumo da literatura francesa pelo público culto pode ser a série de reportagens feitas por João do Rio que, perguntando aos mais importantes literatos e intelectuais do período a respeito de suas preferências como leitores, obtém um curioso quadro estatístico: perdendo apenas para a própria literatura nativa (47,4% do total de respostas obtidas, a partir das

“O Éden
Feérico dos
Desejos”:
Cultura
Francesa no
Brasil Pré-
Modernista

literaturas citadas), a literatura francesa (23,7%) era ainda mais lida do que a literatura portuguesa (8,6%) que, como aludimos no início, perdia cada vez mais espaço para a expressão gaulesa, conforme esclarece o gráfico abaixo:



Maurício
Silva

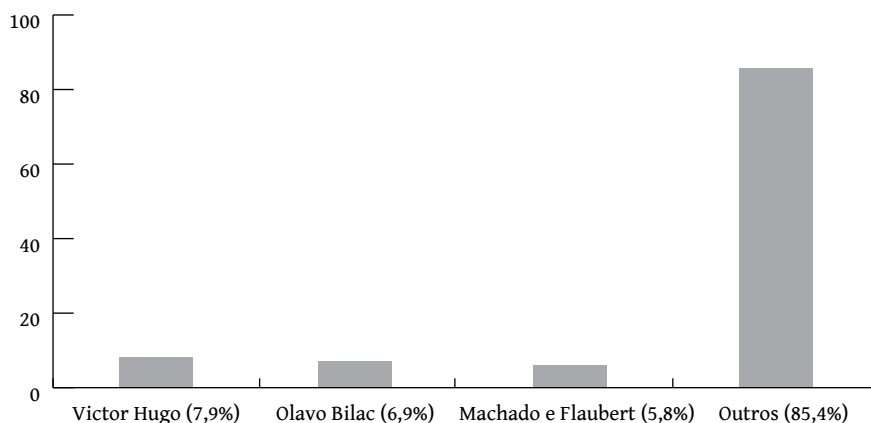
96

Entre aquelas agrupadas sob a denominação de “outras” (20,3%), contavam-se as de origem clássica, isto é, grega e latina (5,9%), inglesa (3,6%), alemã (3,2%), italiana (3%), espanhola (1,9%), russa (0,9%), norte-americana (0,7%) e diversas outras de origem não-especificada ou pouco frequentes (1,1%).

Salta aos olhos, no quadro acima, a diferença entre a literatura francesa e a portuguesa, aquela quase três vezes mais lida do que esta, o que comprova o grau de incidência da cultura francesa sobre a brasileira e, além disso, o fato de o idioma não ser necessariamente um entrave para o estabelecimento de relações literárias mais próximas.

Mas se os dados relativos às literaturas de um modo geral já são curiosos, o que não se dirá a respeito da amostragem de autores específicos! Nossas referências agora são outras, não mais a do total de citações, mas a do total de nomes: dos 188 nomes aventados – sem excetuar os de língua portuguesa e, particularmente os de procedência brasileira – o mais lido de todos era, confirmando a dependência de que se falou, um francês: Victor Hugo (com 15 citações), seguindo-se a ele os de Olavo Bilac (13 citações); Machado de Assis e Gustave Flaubert (11 citações); Alberto Oliveira, Coelho Neto, Eça de Queirós, Shakespeare e Zola (10 citações); Aluísio Azevedo, Castro Alves, Fagundes Varela e Gonçalves Dias (9 citações); Graça Aranha, Raimundo Correa, Dante, Goethe e Maupassant (8 citações); e assim por diante. Dados igualmente interessantes: apesar de se destacar o nome isolado de Hugo, prevalece a relação de forças já atestada na amos-

tragem das literaturas: as mais lidas, pela ordem, continuam sendo a brasileira e a francesa. Isso tudo resulta num gráfico bastante sugestivo, em que se alinham alguns nomes de autores consagrados no período:



*“O Éden
Feérico dos
Desejos”:
Cultura
Francesa no
Brasil Pré-
Modernista*

97

Considerando que os “outros”, no gráfico acima, correspondem a mais de 150 nomes, salta aos olhos a frequência com que os nomes de Hugo (7,9%), Flaubert (5,8%), Zola (5,3%), Maupassant (4,2%), Balzac (3,7%) ou Gautier (3,1%) foram citados nas entrevistas de João do Rio.

Analisando algumas literaturas separadamente, teremos outras informações sugestivas, novamente corroborando muitas afirmações que vimos fazendo desde o princípio: no que se refere à literatura brasileira, coloca-se a questão da historiografia literária sobre o período, a qual diz respeito ao estabelecimento de um cânone literário para a passagem do século. Com efeito, os autores brasileiros mais lidos eram contemporâneos à época da pesquisa (realistas, naturalistas, parnasianos), e entre os primeiros, como já demonstramos, destacavam-se aqueles que, de alguma maneira, estabeleciam uma relação estreita com a oficialidade cultural, simbolicamente representada, no período, pela Academia Brasileira de Letras: Bilac, Machado de Assis, Coelho Neto, Alberto de Oliveira, Aluísio Azevedo, Raimundo Correa, Graça Aranha e outros.

Como vimos sugerindo e o gráfico acima ilustra, os autores franceses eram de fato muito lidos pela intelectualidade brasileira. Semelhante fenômeno pode ser ainda verificado por práticas de leitura específicas, presentes sob a forma de motivos literários nas páginas da maior parte dos romances do período: não são poucos, nesse sentido, os personagens que, entre uma e outra ação mais relevante para a economia do enredo dos romances editados durante a passagem do século, lançam mão de um livro de autor francês para seu deleite pessoal. Assim, a leitura de auto-

res franceses por personagens de romances brasileiros espelha, também, a importância da literatura francesa no Brasil, já que sinaliza, a um só tempo, dois fatos relevantes: o sucesso dessa literatura entre os intelectuais brasileiros, que a elegiam para o enredo de seus próprios romances, e a admissão dos autores franceses entre as preferências dos leitores não-intelectualizados, leitores comuns, retratados nos romances da época. Sobretudo, se pensarmos nos romances realista-naturalistas, com seu indefectível empenho em retratar a sociedade com a máxima fidelidade possível. Vejamos alguns romances de um dos mais ilustres acadêmicos de primeira hora: uma análise superficial dos romances de Aluísio Azevedo vai-nos revelar facilmente que o universo de leitura de seus personagens – sobretudo personagens femininos – não vai muito além do que aqui sugerimos: Laura, de *A Condessa Vesper* (1882) lê e admira Lamartine (AZEVEDO, 1937); Ana Rosa, de *O Mulato* (1888), além de Lamartine, aprecia também Bernardin de Saint-Pierre (AZEVEDO, 1977); Gregório, de *Girândola de Amores* (1882), por sua vez, lê Lamartine, Musset, Gautier e Hugo (AZEVEDO, 1954). Outros exemplos apenas confirmariam nossa tese, servindo ainda como indício do apego à literatura francesa por um público menos culto, como aludimos anteriormente.

Atestando igualmente o consumo da literatura francesa por esse público, está a grande voga, na época, dos folhetins traduzidos do francês e que teriam causado verdadeiro furor como romances populares, o que comprova que a literatura francesa não foi apenas uma matriz literária de nossa literatura “cultura” nacional, mas também da literatura popular (MEYER, 1982; MEYER, 1996; MEYER, 1998). Uma expressão artística que vários intelectuais do período (como Adolfo Caminha, Nestor Vitor e outros) condenaram como uma perniciosa literatura de pacotilha vendida aos países periféricos como arte literária.

Não restam dúvidas quanto ao sucesso da literatura francesa na época em estudo, revelando uma larga incidência da mesma sobre o escasso público leitor brasileiro, seja ele culto ou popular, real ou fictício. Uma incidência, aliás, que não deixou de ocasionar alguns episódios curiosos, cômicos até, não fossem motivo de embaraço para uma intelectualidade subserviente à expressão literária alienígena, o que resultaria na perda de alguns referenciais críticos. Conta-nos Raimundo de Menezes, (MENEZES, 1945) numa de suas saborosas narrativas biográficas, que a criação de um conto por Garcia Redondo – ironicamente intitulado “O Modelo” – teria suscitado fragorosa polêmica nas páginas da *Gazeta de Notícias*, já que o referido conto fora colocado sob a suspeição de plágio de alguma desconhecida peça francesa. A obra, considerada por Raimundo Correia, por

exemplo, como possuidora de um “ar todo parisiense”, escrita em “estilo português-francês”, foi dada, enfim, por original, mas ilustra a fragilidade dos limites entre o que – em termos de literatura – era considerado distintamente português ou francês, tamanha a ascendência deste sobre aquele idioma.

O OUTRO LADO DO ATLÂNTICO

As relações interculturais de que aqui vimos falando até agora não foi uma marca presente apenas nos itens destacados, relacionados a uma ideologia francófila, sustentada por ícones como a cidade, a língua e a literatura francesas, embora estes três tópicos sejam suficientes para provar a incidência da cultura francesa na produção literária do período, mormente na literatura academicista, já que servia como modelo regulador de uma estética e de uma ética específicas. Tal incidência pode ser facilmente notada também em outras esferas da sociedade, como a histórica, já que, por exemplo, a Revolução Francesa teria servido de inspiração – sobretudo simbolicamente – a diversos movimentos políticos nesse período, como a Proclamação da República ou o movimento operário. Nesse sentido, é interessante lembrar que nos momentos mais importantes de afirmação como nação autóctone, diante de um real poder colonialista, o Brasil adotou a França como principal referência histórica (BATALHA, 1991; CARVALHO, 1990; FREYRE, s.d.).

Mas tratando em particular da esfera cultural, poder-se-ia perguntar: em que sentido, especificamente, a cultura francesa pode ser tomada como instância legitimadora do academicismo literário? Ora, a constância com que os mais importantes acadêmicos adotavam vários elementos da cultura francesa como referência, seu empenho em relacionar tudo o que dizia respeito à literatura brasileira à França, o fervor com que cultuavam ícones variados do universo gaulês são fortes indícios das vantagens que todas essas relações traziam aos acadêmicos, vantagens que se traduziam em prestígio social e literário e, conseqüentemente, em maior aceitação pelo público leitor, acesso mais fácil às instituições político-administrativas, mais ampla divulgação de seu nome no universo cultural brasileiro. Dessa maneira, a adesão incondicional à cultura francesa torna-se uma forma de legitimação do academicismo, uma vez que o alia a todo um mundo simbólico em que as noções de civilização, cosmopolitismo e modernidade possuem considerável valor social. Além disso, alguns pressupostos ideológicos dessa cultura iam ao encontro da ideologia academicista, como o culto ao aristocratismo estético.

“O Éden
Feérico dos
Desejos”:
Cultura
Francesa no
Brasil Pré-
Modernista

Todo esse conjunto de componentes simbólicos são indícios claros de como a intelectualidade nacional estava impregnada, na passagem do século, de um cosmopolitismo de natureza predominantemente francesa; e, pela amostragem exposta, percebe-se facilmente que se tratava, em especial, de uma intelectualidade comprometida direta ou indiretamente com a oficialidade acadêmica. Evidentemente, não se quer com isso dizer que aqueles que não compactuavam com o ideário acadêmico estivessem imunes à “influência” dessa cultura, mas apenas demonstrar sua relevância numa época contundentemente marcada pelo oficialismo literário. O caso de Machado de Assis, que se filiava ao academicismo mais pelo aspecto da sociabilidade literária do que pelo da estética propriamente dita, parece ser um caso exemplar, já que seus textos se revelaram significativamente tributários da cultura francesa (PASSOS, 1995; PASSOS, 1996).

Não nos parece difícil perceber, assim, a prevalência de marcas francesas numa cultura que tem estabelecido – mais intensamente a partir do século XVIII – uma relação de contínua interdependência com o universo gaulês. (LIMA-BARBOSA, 1923; RIVAS, 1995; CARELLI, 1994; CARELLI, THÉRY & ZANTMAN, 1987; TAVARES, 1979; MARTINIÈRE, 1982). E, como sugerimos há pouco, talvez nenhuma outra ligação entre o Brasil e a França tenha sido tão marcante quanto a que diz respeito à atividade literária: de fato, é no estudo crítico e historiográfico da literatura que podemos apreender toda a dimensão da ascendência da cultura francesa sobre a brasileira, ascendência essa que ganha um contorno particular – já por sua frequência, já por sua amplitude – durante os primeiros anos do século XX, como atesta, entre muitos críticos, Machado Neto, ao comentar a vida literária do período: “como expressão de nosso colonialismo intelectual, a Europa (especialmente Paris) constituía o centro de atração maior da vida intelectual brasileira” (MACHADO NETO, 1973, p. 62).

Como diria outro intelectual de nobre linhagem acadêmica, Joaquim Nabuco, em palavras que – num tom elegantemente enigmático – bem poderiam resumir todo o sentimento cultural de nosso 1900: “no século em que vivemos, o *espírito humano* (...) está do outro lado do Atlântico” (NABUCO, 1934, p. 35).

Recebido em 21 de setembro de 2009 / Aprovado em 5 de novembro 2009

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUDO, José. *Gente Audaz. Scenas da Vida Paulistana (Segunda Série)*. São Paulo, O Pensamento, 1913.

_____. *Amor Moderno. Scenas da Vida Paulistana (Terceira Série)*. São Paulo, O Pensamento, 1915.

ALI, Saíd. *Difficuldades da Língua Portuguesa. Estudos e Observações*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1930.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *A Silveirinha*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1914.

_____. *Correio da Roça*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1933.

_____. *Pássaro Tonto*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1934.

AMADO, Gilberto. *A Chave de Salomão e Outros Escriptos*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1914.

AMARAL, Glória Carneiro do. *Aclimatando Baudelaire*. São Paulo, Annablume, 1996.

ANÔNIMO. “O Theatro Municipal há 6 annos”. *A Ilustração Brasileira*, Rio de Janeiro, No. 4: 70, Jul.1909.

AZEVEDO, Aluísio. *A Condessa Vesper*. Rio de Janeiro, Briguiet, 1937.

_____. *O Mulato*. São Paulo, Ática, 1977.

BANDEIRA, Souza. *Perigrações*. Porto, Chardron, 1910.

_____. *Páginas Literárias*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1917.

BARRETO, Mario. *Estudos da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Livraria da Viúva Azevedo, 1903.

BARRETO, Plínio. “Eduardo Prado e seus Amigos (Cartas Inéditas)”. *Revista do Brasil*, São Paulo, Ano I, No. 02: 173–197, Fev. 1916.

“O Éden
Feérico dos
Desejos”:
Cultura
Francesa no
Brasil Pré-
Modernista

101

BATALHA, Cláudio H. de Moraes. “‘Nós, Filhos da Revolução Francesa’, a Imagem da Revolução no Movimento Operário Brasileiro no Início do Século XX”. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, Vol. 10, No. 20: 233–249, Mar./Ago. 1991.

BROCA, Brito. *A Vida Literária no Brasil. 1900*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1960.

_____. *Teatro das Letras*. Campinas, Unicamp, 1993.

Maurício
Silva

CAMPOS, Humberto de. *Antologia da Academia Brasileira de Letras. Trinta Anos de Discursos Acadêmicos. 1897–1927*. Rio de Janeiro, W. M. Jackson, 1960.

102

CAMPOS, Regina Salgado. “Clemenceau e Padre Gaffre, Dois Olhares Franceses sobre o Brasil”. *Anais da Abralic*, Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, Ago. 1998 (CD ROOM).

CÂNDIDO, Antônio. “Literatura e Subdesenvolvimento”. *A Educação pela Noite e Outros Ensaios*. São Paulo, Ática, 1989.

CÂNDIDO, Antônio et Alii. *A Crônica. O Gênero, sua Fixação e suas Transformações no Brasil*. São Paulo/Rio de Janeiro, Unicamp/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CARELLI, Mário. *Culturas Cruzadas. Intercâmbios Culturais entre França e Brasil*. Campinas, Papyrus, 1994.

CARELLI, M., THÉRY, H., ZANTMAN, A. *France-Brésil: Bilan pour une Relance*. Paris, Entente, 1987.

CARNEIRO LEÃO, A. *Victor Hugo no Brasil*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1960.

CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura Comparada*. São Paulo, Ática, 1986.

CARVALHO, Elysio de. *Five o’ Clock*. Rio de Janeiro, Garnier, 1909.

CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das Almas. O Imaginário da República no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

CLEMENCEAU, Georges. *Notes de Voyage dans l'Amérique du Sud. Argentine – Uruguay – Brésil*. Paris, Utz, 1991.

COSTALLAT, Benjamim. *Mlle. Cinema. Novella de Costumes do Momento que Passa...* Rio de Janeiro, Benjamim Costallat & Miccolis, 1923.

CRESPO, Regina Aínda. *Crônicas e Outros Registros: Flagrantes do Pré-Modernismo (1911-1918)*. Campinas, Unicamp, 1990 (Dissertação de Mestrado).

DÄLLENBACH, Lucien. “Intertexte et autotexte”. *Poétique. Revue de théorie et d'analyse littéraires*, Paris, (27): 282-296, 1979.

DIMAS, Antonio. «Ambigüidade da Crônica: literatura ou jornalismo?». *Littera*, Ano IV, No. 12: 46-51, Set./Dez. 1974.

DUQUE, Gonzaga. *Mocidade Morta*. São Paulo, Editora Três, 1973.

FARIA, Maria Alice de Oliveira. *Astarte e a Espiral. Um confronto entre Alvares de Azevedo e Alfred de Musset*. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado/Conselho Estadual de Cultura, 1973.

FONTES, Martins. *Nós, as Abelhas (Reminiscencias da Epocha de Bilac)*. São Paulo, J. Fagundes, s.d.

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *A Literatura e o Literato no Rio de Janeiro do Século XIX*. Belo Horizonte, UFMG, 1994 (Tese de Doutorado).

FREITAS, Padre Senna. “A Polêmica. Júlio Ribeiro e Padre Senna Freitas”. In: FREYRE, Gilberto. *Ordem e Progresso*. Lisboa, Livros do Brasil, s.d.

RIBEIRO, Júlio. *A Carne*. São Paulo, Três, 1972.

GONÇALVES, Emílio. *Os Polvos*. São Paulo, Zenith, 1920.

GUILLÉN, Claudio. *Entre lo Uno y lo Diverso. Introducción a la Literatura Comparada*. Barcelona, Editorial Crítica, 1985.

IDT, Geneviève. “‘Intertextualités’, ‘transposition’, critique des sources”. *Nova Renascença*, p. 05-20, jan./mar. 1984.

“O Éden
Feérico dos
Desejos”:
Cultura
Francesa no
Brasil Pré-
Modernista

103

IVO, Lêdo. “Os Dias que Passam”. *A Ética da Aventura*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1982.

JENNY, Laurent. “A Estratégia da Forma”. *Poétique*, Coimbra (27): 05–49, 1979.

LIMA-BARBOSA, Mário de. *Les Français dans l’Histoire du Brésil*. Paris, Blanchard, 1923.

MACHADO NETO, A. L. *Estrutura Social da República das Letras (Sociologia da Vida Intelectual Brasileira. 1870–1930)*. São Paulo, Grijalbo/Edusp, 1973.

Maurício
Silva

MAGALHÃES, Valentim. *Flor de Sangue*. São Paulo, Três, 1974.

104

MARTINIÈRE, Guy. *Aspects de la Coopération Franco-Brésilienne. Transplantation Culturelle et Stratégie de la Modernité*. Paris, Presses Universitaires de Grenoble/Maison des Sciences de l’Homme, 1982.

MARTINS, Luis. «Do Folhetim à Crônica». *Suplemento Literário*. São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1972.

MENEZES, Raimundo de. *Emílio de Meneses. O Último Boêmio*. São Paulo, Martins, 1945.

MEYER, Marlyse. “Folhetim para Almanaque ou Rocambole, A Ilíada de Realejo”. *Almanaque*, São Paulo, Brasiliense, No. 14: 07–22, 1982.

_____. *Folhetim. Uma História*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

_____. *As Mil Faces de um Herói-Canalha e Outros Ensaios*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1998.

NABUCO, Joaquim. *Minha Formação*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1934.

NEIVA, Arthur. *Daqui e de Longe... Crônicas Nacionais e de Viagem*. São Paulo, Melhoramentos, 1927.

NETO, Coelho. *O Meu Dia*. Porto, Lello & Irmão, 1922.

_____. *O Paraíso*. Porto, Chardron, 1926.

_____. *Livro de Prata*. São Paulo, Livraria Liberdade, 1928.

_____. *Fogo Fátuo*. Porto, Chardron, 1929.

NITRINI, Sandra. *Literatura Comparada. História, Teoria e Crítica*. São Paulo, Edusp, 1997.

OLIVEIRA, Antônio de. *O Urso. Romance de Costumes Paulistas*. São Paulo, Academia Paulista de Letras, 1976.

OLIVEIRA, J. M. Cardoso de. *Dois Metros e Cinco. Aventuras de Marcos Parreira (Costumes Brasileiros)*. Rio de Janeiro, Briguiet, 1936.

PASSOS, Gilberto Pinheiro. *A Poética do Legado. Presença Francesa em Memórias Póstumas de Brás Cubas*. São Paulo, Annablume, 1995.

_____. *As Sugestões do Conselheiro. França em Machado de Assis. Esaú e Jacó e Memorial de Aires*. São Paulo, Ática, 1996.

PEIXOTO, Afrânio. *A Esfinge*. São Paulo, Clube do Livro, 1978.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Flores da Escrivantina*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

PHELAN, John. "El Origen de la Idea de Latinoamerica". In: ZEA, Leopoldo (comp.). *Fuentes de la Cultura Latinoamericana I*. México, Fondo de Cultura Económica, 1993.

R. "Notas de um Fluminense". *A Ilustração Brasileira*, Rio de Janeiro, No. 19: 59, Mar. 1910.

RESENDE, Beatriz (org.). *Cronistas do Rio*. Rio de Janeiro, José Olympio/CCBB, 1995.

RIO, João do. *Cinematographo (Chronicas Cariocas)*. Porto, Chardron, 1909.

_____. *Celebridades. Desejo*. Rio de Janeiro, Pátria Portuguesa e Lusitana, 1932.

"O Éden
Feérico dos
Desejos":
Cultura
Francesa no
Brasil Pré-
Modernista

105

_____. *A Profissão de Jacques Pedreira*. Rio de Janeiro, Scipione, 1992a.

_____. *Correspondência de uma Estação de Cura*. São Paulo, Scipione, 1992b.

_____. *O Momento Literário*. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional / Departamento Nacional do Livro, 1994.

RIVAS, Pierre. *Encontro entre Literaturas. França - Portugal - Brasil*. São Paulo, Hucitec, 1995.

Maurício
Silva

SILVA, Maurício. "Anatole France e Anatolianos no Brasil". *Quadrant*, Montpellier, No. 13: 47-56, 1996.

106

TAVARES, A. de Lyra. *Brasil-França, ao longo de 5 Séculos*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1979.

UZANNE, Octavio. "Vida Doméstica. A Moderna Mulher Parisiense". *A Cigarra*, São Paulo, No. 57, Dez. 1916.

VERÍSSIMO, José. *Estudos de Literatura Brasileira. Quinta Série*. Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/Edusp, 1977.